



Literatura, tradução, adaptação e intermedialidade: entrevista com Thaís Flores Nogueira Diniz

Cleber da Silva Luz^{1*}, Vanessa Luiza de Wallau² e Liliam Cristina Marins³

¹Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ²Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil. ³Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: clebersiluz@gmail.com

Received on February 8, 2021.

Accepted on March 1, 2021.

Vinculada às atividades desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa ‘Tradução e Multidisciplinaridade: da Torre de Babel à Sociedade Tecnológica - Fase III’ (CNPq/UEM), institucionalmente alocado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), com integrantes de diversas instituições de ensino superior do Paraná e de outros estados, a entrevista com uma das principais referências dos estudos da intermedialidade no Brasil teve como objetivo principal propor uma reflexão acerca das relações estabelecidas entre os estudos da tradução, da adaptação e das mídias na pós-modernidade.

Na busca por compreender tais relações multidisciplinares, fortalecemos o diálogo entre campos do saber que, embora estruturados em bases teóricas diferentes, possuem inúmeros pontos de contato. Além disso, legitimamos a abordagem acadêmica de produções midiáticas/artísticas não-convencionais, as quais não encontram um lugar de pertencimento dentro das grandes áreas já consolidadas academicamente.

Foi justamente nesses ‘entre-lugares’ taxonômicos, teóricos e analíticos que a professora Thaís Flores Nogueira Diniz nos concedeu esta entrevista, que aconteceu durante os meses de novembro de 2020 a janeiro de 2021, via *e-mail*. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Indiana University em Bloomington, nos Estados Unidos, pesquisadora do CNPq e da FAFEMIG, é professora associada aposentada pela UFMG, onde atua como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Autora de *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural* (2002) e *Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem* (2005), coordena o Grupo de Pesquisa Intermídia (CNPq/UFMG), cujos participantes têm se dedicado ao trabalho de tradução de diversos textos importantes ao campo dos estudos da tradução, da adaptação e da intermedialidade, bem como produzido material teórico-metodológico que propicia aparato para o desenvolvimento e para a ampliação das pesquisas no Brasil, antes centralizadas em países do norte global.

Na entrevista que segue, a professora discorre sobre as relações entre traduzir e adaptar, assim como apresenta sua compreensão sobre a relação entre literatura e outras artes. Comenta e avalia o trabalho com as mídias em sala de aula e os desafios da área de estudos da intermedialidade no processo de formação de leitores diante da circulação e do contato com diferentes mídias e arquiteturas textuais que representam as transformações da arte contemporânea. Discute, também, a expansão dos estudos intermidiáticos na academia brasileira ao recuperar os percalços do passado, ao problematizar as adversidades do presente e ao instigar a reflexão em torno dos desdobramentos futuros.

Entrevista com Thaís Flores Nogueira Diniz

Pergunta: De acordo com Rajewsky (2012), a intermedialidade pode ser considerada um termo ‘guarda-chuva’, sendo utilizado por diversas abordagens e perspectivas, o que gera uma proliferação de terminologias e conceitos. Quais os possíveis direcionamentos, dentre os variados termos e perspectivas teóricas, para pesquisas na área de Letras?

Thaís Flores Nogueira Diniz: Há hoje vários teóricos importantes trabalhando nessa área, além da professora Irina Rajewsky: Lars Elleström, Jørgen Bruhn, Marie-Laure Ryan, Richard Grusin, Gabriele Rippl,

Werner Wolf e tantos outros. É claro que fica difícil lidar com todos esses teóricos, principalmente porque cada um deles tem uma abordagem própria e, às vezes, usam termos diferentes para definir processos semelhantes. Minha opinião é que cada pesquisador deva eleger um deles ao fazer suas análises e, mais importante, sempre que usar um termo ou conceito para explicar seu ponto, dar crédito ao teórico. Não tenho preferência por uma ou outra abordagem, mas é preciso sempre ter em mente que é a obra que dita a teoria a ser usada e não o inverso. Muitos textos já foram escritos baseados nesses teóricos, alguns dos quais se encontram em revistas especializadas tematizadas, organizadas por membros do Intermídia¹.

Pergunta: Em sua opinião, é possível compreender a éfrase enquanto um recurso do processo de tradução e adaptação de obras em diferentes mídias?

Thaís Flores Nogueira Diniz: O processo de adaptação difere do que é entendido como éfrase, que pode se dar, segundo Irina Rajewsky, por meio de referência intermediária, quando um poema faz alusão a uma pintura; ou por meio de transposição midiática, quando uma pintura é revelada por meio de palavras. Em recente artigo, Claus Clüver (2019b) acaba afirmando que muitos exemplos de éfrase, mas não todos, podem ser lidos como transposições intermediárias. Como textos/trechos verbais/literários, as éfrases podem ser independentes ou integradas como passagens efrásticas em outros textos/configurações, incluindo peças de teatro, libretos e roteiros. O teórico afirma ainda que existem vários marcadores que permitem ao leitor receber certos textos verbais como éfrases – dependendo do conceito de éfrase aceito em sua respectiva comunidade interpretativa. Parte da definição proposta por Clüver (2019b, p. 252, grifo do autor) no momento em que escreveu o texto citado é a seguinte: “Éfrase é uma representação ‘enaergetica’ de configurações visuais não cinéticas como objetos semióticos”. E ele continua, [a éfrase] “[...] verbaliza a percepção/reação real ou fictícia do observador, de aspectos característicos de configurações existentes, ou sugere a existência percebida de tais configurações na realidade virtual ou fictícia. Seu material é puramente verbal [...]” (Clüver, 2019b, p. 252). Clüver (2019b, p. 252) acrescenta outros elementos à sua definição e termina dizendo que, por ser um “[...] construto cultural [...]”, sua definição atual está sujeita a mudanças. Embora o termo tenha sido usado desde a antiguidade especificamente como uma espécie de tradução da imagem em palavras, eu ainda acho possível falar de éfrase musical, éfrase arquitetônica etc. embora o professor Claus Clüver discorde veementemente desse entendimento.

Pergunta: Traduzir e adaptar / Traduzir ou adaptar: como a professora compreende os conceitos de ‘tradução’ e ‘adaptação’? Como conceitos correlatos ou divergentes? Comente.

Thaís Flores Nogueira Diniz: De acordo com muitos teóricos e, entre eles, Lawrence Raw (2017), não existe, a esse respeito, um conjunto homogêneo de pensamentos teóricos, aceito por todos. As pessoas se ajustam a seu ambiente de maneiras diversas e tanto o que chamamos de adaptação quanto o que chamamos de tradução são processos de modificação, de ajustamento. O que é definido como tradução em um contexto pode ser considerado adaptação em outro. Em consequência, não podemos impor definições absolutas para certas obras. Até onde vai a tradução? Onde começa a adaptação? Haveria uma maior preocupação com a fidelidade na tradução? Seria a adaptação mais livre? Em um congresso recente (University of Tartu, 2020), essa discussão esteve em pauta, principalmente por parte dos adeptos da adaptação como uma espécie de tradução. Ficou claro que existem duas linhas de pesquisa: a dos estudos da adaptação e a dos estudos da intermedialidade. Embora os conceitos de ‘adaptação’ e ‘tradução’ recebam definições diferentes de acordo com cada teórico ou cada linha de pesquisa, para mim, o mais importante não é rotular o processo a ser analisado e sim investigar como ele se realiza.

Pergunta: Há, ainda, uma visão negativa em relação ao trato com as mídias, quando se fala em literatura, seja em perspectiva comparatista, seja em perspectiva multimidiática. Como a professora entende esse processo de marginalização do termo ‘mídias’ e, por conseguinte, da área de estudos intermediários na academia, especificamente na área dos Estudos Literários?

Thaís Flores Nogueira Diniz: Felizmente essa visão negativa, que se deve ao entendimento restrito do termo mídia que, para os estudos da intermedialidade, é bem amplo, está desaparecendo. A consciência de que arte e literatura são construtos culturais favorece a substituição do termo artes (estudos interartes) por mídias (estudos intermediários). Em algumas universidades estrangeiras, o campo dos estudos da

¹ Revistas tematizadas: *Aletria*, vol. 14 (2006); vol. 23/3, (2013); vol. 27/2 (2017). *Letras*, vol. 34 (2007). *Pós*, vol. 2 /1 (2008). *Revista Letras raras*, vol. 9/3 (2020). *Scripta Uniandrade*, vol. 16/3 (2018). *Todas as Letras*, vol. 19 (2017). *Vis*, vol. 19 (2020).

intermedialidade é independente dos estudos de Literatura Comparada, como em Växjö, na Suécia, e Graz, na Áustria. Nosso grupo Intermídia, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e atuando principalmente na UFMG, também se dedica ao estudo da intermedialidade independente da Literatura Comparada, já que os docentes que ali atuam são oriundos de diversas Unidades dentro da Universidade, especificamente da Faculdade de Letras, da Escola de Belas Artes, da Escola de Música e do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Porém, mesmo a intermedialidade sendo um campo independente, os docentes trazem consigo a bagagem de sua área de atuação original, o que inevitavelmente orienta a abordagem de cada um.

Pergunta: Qual é sua visão sobre a expressão ‘literatura e outras artes’?

Thaís Flores Nogueira Diniz: A expressão ‘Literatura e outras artes’ não é nova. Como o próprio nome indica, trata da ligação entre elas, seja nos elementos presentes nos textos literários, seja na relação existente entre esses dois termos. A compreensão de que a literatura poderia ter alguma ligação com as artes surgiu quando a área ‘Literatura Comparada’ começou a ter seus adeptos e, em seguida, a partir do entendimento da possibilidade de que a relação entre a literatura e as outras artes poderia ser uma das sub-áreas de pesquisa. Hoje, com o desenvolvimento das mídias na comunicação, a literatura está ligada não só às artes, mas a todas as mídias. Em seu artigo, Claus Clüver (2019a) nos oferece uma visão geral sobre o estudo das interrelações das artes e mídias. Nomear de estudos interartes o estudo das relações binárias entre literatura e as artes visuais, a música e o cinema começou a ser inadequado devido à tendência de incluir artes não verbais e configurações não artísticas. Assim, nos anos 90, com a reconcepção do que seria arte e a inclusão, nas investigações, de gêneros não artísticos como as mídias e suas interrelações, o objeto de estudo passou a ser denominado de estudos da intermedialidade, e o termo, que é novo, passou a nomear um processo bastante antigo. Vários teóricos tentam construir uma fundamentação teórica para o estudo da intermedialidade, entre eles o próprio Claus Clüver, Irina Rajewsky, Lars Elleström e muitos outros. Seus textos estão sendo traduzidos pelos membros do grupo Intermídia, alguns já publicados (Arbex, 2006; Vieira, 2007; Veneroso & Melendi, 2009; Diniz, 2012; Diniz & Vieira, 2012; Arbex, Diniz, & Vieira, 2019; Arbex & Vieira, 2020; Veneroso, Diniz, & Mendes, 2020).

Pergunta: Em sua opinião, qual o desafio, hoje, da área de estudos em intermedialidade, frente às demandas das produções artísticas contemporâneas?

Thaís Flores Nogueira Diniz: Acredito que o desafio hoje está em ensinar a ‘ler’ adequadamente as produções artísticas contemporâneas e, para isso, nós, professores, devemos estar preparados: uma certa competência nessas áreas e a familiaridade com a pesquisa, segundo Claus Clüver, são essenciais. Mas existe ainda um outro desafio, que consiste em direcionar nossa atenção para o ensino, desenvolvendo o suporte necessário para tal. Temos de pensar na criação de material didático, não apenas em forma de publicação de textos teóricos traduzidos para o português, como temos feito nos últimos anos, mas na organização do material didático em forma de livro ou equivalentes digitais. Uma iniciativa nesse sentido já está sendo tomada pelo grupo Intermídia: estamos desenvolvendo um glossário com os verbetes dos principais conceitos usados na pesquisa, que terá também o formato de vídeo-cápsulas, além da publicação impressa.

Pergunta: Ao que tange à recepção das mídias na contemporaneidade, os leitores realizam uma espécie de leitura intermediária, criando uma dinâmica que perpassa a mídia e explora outros meios. Como a professora vê as relações entre intermedialidade e ensino, pensando na formação do leitor ‘proficiente’ das mídias (e das ‘novas’ mídias)?

Thaís Flores Nogueira Diniz: Como foi dito acima, formar leitores ‘proficientes’ nas novas mídias é fundamental. E esta é a grande questão que, de certa forma, ‘assombra’ os docentes em sua lida diária. Muitas vezes nós, professores, temos a teoria, mas, na prática, nossos alunos conseguem lidar, muito mais facilmente, com os produtos midiáticos contemporâneos. Cabe-nos chegar até eles para que a investigação seja baseada nos princípios teóricos que regem a produção, a leitura e a compreensão desses produtos.

Pergunta: A professora tem organizado obras que reúnem traduções de importantes textos sobre os estudos da adaptação, como o *A Intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea* (Figueiredo, 2020), e outros sobre os estudos da intermedialidade e dos estudos interartes. Comente sobre esse trabalho, enquanto tradutora e enquanto organizadora, e qual a importância deles para os estudos dessas áreas no Brasil.

Thaís Flores Nogueira Diniz: Começamos com esse trabalho, cuja ideia foi compartilhada com meus colegas, porque a bibliografia em língua portuguesa era, e ainda é, escassa no Brasil, e nem todos os estudiosos lêem em língua estrangeira. O objetivo é alcançar o maior número de pesquisadores possível, no intuito de expandir esse campo de pesquisa tão instigante como o da intermedialidade. Considero que o acesso a traduções para a língua portuguesa de textos tão importantes para esse estudo seja de grande utilidade para nossos estudiosos. Como tradutora, julgo o trabalho bastante desafiador, uma vez que os termos ainda não estão padronizados em língua portuguesa e temos, às vezes, certa dificuldade em traduzi-los. Para dirimir um pouco essa dificuldade, o grupo de pesquisa está elaborando, como mencionado anteriormente, um glossário no qual alguns termos ligados à intermedialidade serão definidos e exemplificados.

Referências

- Arbex, M. (2006). *Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Arbex, M., & Vieira, M. (2020). Interview with Claus Clüver. *Revista VIS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UnB*, 19(1), 323-336. doi: 10.26512/vis.v19i1.32747
- Arbex, M., Diniz, T. F. N., & Vieira, M. (2019). *Escrita, som, imagem: perspectivas contemporâneas*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço.
- Clüver, C. (2019a). From the 'Mutual Illumination of the Arts' to 'Studies of Intermediality'. *International Journal of Semiotics and Visual Rhetoric*, 3(2), 63-74. doi: 10.4018/IJSVR.2019070104
- Clüver, C. (2019b). On gazer's encounters with visual art: ekphrasis, readers, 'iconotexts'. In R. Meek & D. Kennedy (ed.), *Ekphrastic Encounters: new interdisciplinary essays on literature and the visual arts* (p. 237-256). Manchester, UK: Manchester University Press.
- Diniz, T. F. N. (2012). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea* (Vol. 1). Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Diniz, T. F. N. (2002). *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural*. Ouro Preto, MG: Gráfica Editora O lutador.
- Diniz, T. F. N. (2005). *Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade e reciclagem*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Diniz, T. F. N., & Vieira, A. S. (2012). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea* (Vol. 2). Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Figueiredo, C. A. P., Oliveira, S. R., & Diniz, T. F. N. (2020). *A Intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea*. Santa Maria, RS: UFSM.
- Rajewsky, I. (2012). Intermedialidade, intertextualidade e remediação: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In T. F. N. Diniz (Org.), *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea* (p. 15-46, T. F. N. Diniz & E. L. L. Reis, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Raw, L. (2017). Aligning adaptatio studies with translation studies. In T. Leitch (Ed.), *The Oxford handbook of adaptation studies* (p. 494-508). Oxford, UK: Oxford University Press.
- University of Tartu. (2020). *Transmedial turn? Potentials, problems and points to consider*. Recuperado de <https://transmedia.ut.ee/>
- Veneroso, M. C. F.; Melendi, M. A. (2009). *Diálogos entre linguagens*. Belo Horizonte, MG: C/Arte.
- Veneroso, M. C., Diniz, T. F. N., & Mendes, A. M. (2020). *Escrita, som, imagem: novas travessias*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Vieira, A. S. (2007). *Escritas do visual*. Santa Maria, RS: Editora Santa Maria.